

Mensagem do Papa Francisco para o 31º Dia Mundial do Doente (11 de fevereiro de 2023)



« *Trata bem dele!* »

(Lc 10, 35)

A compaixão como exercício sinodal de cura

Queridos irmãos e irmãs!

A doença faz parte da nossa experiência humana. Mas pode tornar-se desumana, se for vivida no isolamento e no abandono, se não for acompanhada pelo desvelo e a compaixão. Ao caminhar juntos, é normal que alguém se sinta mal, tenha de parar pelo cansaço ou por qualquer percalço no percurso. É em tais momentos que se vê como estamos a caminhar: se é verdadeiramente um *caminhar juntos*, ou se se vai na mesma estrada mas cada um por conta própria, cuidando dos próprios interesses e deixando que os outros «se arranjem». Por isso, neste XXXI DIA MUNDIAL DO DOENTE e em pleno percurso sinodal, convidovos a refletir sobre o facto de podermos aprender, precisamente através da experiência da fragilidade e da doença, a caminhar juntos segundo o estilo de Deus, que é proximidade, compaixão e ternura.

O livro do profeta Ezequiel oferece-nos um grande oráculo, que constitui um dos pontos culminantes de toda a Revelação, e lá o Senhor fala assim: «Sou Eu que apascentarei as minhas ovelhas, sou Eu quem as fará descansar – oráculo do Senhor Deus. Procurarei aquela que se tinha perdido, reconduzirei a que se tinha trespassado; cuidarei a que está ferida e tratarei da que está doente (...). A todas apascentarei com justiça» (34, 15-16). Naturalmente

as experiências do extravio, da doença e da fragilidade fazem parte do nosso caminho: não nos excluem do povo de Deus; pelo contrário, colocam-nos no centro da solicitude do Senhor, que é Pai e não quer perder pela estrada nem sequer um dos seus filhos. Trata-se, pois, de aprender com Ele a ser verdadeiramente uma comunidade que caminha em conjunto, capaz de não se deixar contagiar pela cultura do descarte.

Como sabeis, a encíclica *Fratelli tutti* propõe uma leitura atualizada da parábola do Bom Samaritano (cf. n.º 56). Escolhi-a como charneira, como ponto de viragem para se poder sair das «sombras dum mundo fechado» (cap. I) e «pensar e gerar um mundo aberto» (cap. III). Com efeito, há uma profunda conexão entre esta parábola de Jesus e as múltiplas formas em que é negada hoje a fraternidade. De modo particular, no facto de a pessoa espancada e roubada acabar *abandonada* na estrada, podemos ver representada a condição em que são deixados tantos irmãos e irmãs nossos na hora em que mais precisam de ajuda. Não é fácil distinguir os atentados à vida e à sua dignidade que provêm de causas naturais e, ao invés, aqueles que são provocados por injustiças e violências. Na realidade, o nível das desigualdades e a prevalência dos interesses de poucos já incidem de tal modo sobre cada ambiente humano que é difícil considerar «natural» qualquer experiência. Cada doença

realiza-se numa «cultura» por entre as suas contradições.

Entretanto, o que importa aqui é reconhecer a condição de solidão, de abandono. Trata-se duma atrocidade que pode ser superada antes de qualquer outra injustiça, porque para a eliminar – como conta a parábola – basta um momento de atenção, o movimento interior da compaixão. Dois transeuntes, considerados religiosos, veem o ferido e não param. Mas o terceiro, um samaritano, alguém que é objeto de desprezo, deixa-se mover pela compaixão e cuida daquele estranho na estrada, tratando-o como irmão. Procedendo assim, sem pensar sequer, muda as coisas, gera um mundo mais fraterno.

Irmãos, irmãs, nunca estamos preparados para a doença; e muitas vezes nem sequer para admitir a idade avançada. Tememos a vulnerabilidade, e a invasiva cultura do mercado impele-nos a negá-la. Não há espaço para a fragilidade. E assim o mal, quando irrompe e nos ataca, deixa-nos por terra atordoados. Então pode acontecer que os outros nos abandonem, ou nos pareça que devemos abandoná-los a fim de não nos sentirem um peso para eles. Começa assim a solidão, e envenena-nos a sensação amarga duma injustiça, devido à qual até o Céu parece fechar-se-nos. Na realidade, sentimos dificuldade de permanecer em paz com Deus, quando se arruína a relação com os outros e com nós próprios. Por isso mesmo é tão

importante, relativamente também à doença, que toda a Igreja se confronte com o exemplo evangélico do bom samaritano, para se tornar um válido «hospital de campanha»: com efeito a sua missão, especialmente nas circunstâncias históricas que atravessamos, exprime-se na prestação de cuidados. Todos somos frágeis e vulneráveis; todos precisamos daquela atenção compassiva que sabe deter-se, aproximar-se, cuidar e levantar. Assim, a condição dos enfermos é um apelo que interrompe a indiferença e abranda o passo de quem avança como se não tivesse irmãs e irmãos.

De facto, o Dia Mundial do Doente não convida apenas à oração e à proximidade com os que sofrem, mas visa ao mesmo tempo sensibilizar o povo de Deus, as instituições de saúde e a sociedade civil para uma nova forma de avançar juntos. A profecia de Ezequiel, já referida atrás, contém um juízo muito duro sobre as prioridades daqueles que exercem, sobre o povo, o poder económico, cultural e governamental: «Vós bebestes o leite, vestistes-vos com a sua lã, matastes as reses mais gordas e não apascentastes as ovelhas. Não tratastes das que eram fracas, não cuidastes da que estava doente, não curastes a que estava ferida; não reconduzistes a transviada; não procurastes a que se tinha perdido, mas a todas tratastes com violência e dureza» (34, 3-4). A Palavra de Deus – não só na denúncia, mas

também na proposta – é sempre iluminadora e de hoje. Na realidade, a conclusão da parábola do Bom Samaritano sugere-nos como a prática da fraternidade, que começou por um encontro de indivíduo com indivíduo, se pode alargar para um tratamento organizado. A estalagem, o estalajadeiro, o dinheiro, a promessa de se manterem mutuamente informados (cf. *Lc 10, 34-35*)... tudo isto faz pensar no ministério de sacerdotes, no trabalho de operadores de saúde e agentes sociais, no empenho de familiares e voluntários, graças aos quais cada dia, em todo o mundo, o bem se opõe ao mal.

Os anos da pandemia aumentaram o nosso sentimento de gratidão por quem diariamente trabalha em prol da saúde e da investigação médica. Mas, ao sair duma tragédia coletiva assim tão grande, não é suficiente o prestar honras aos heróis. A covid-19 pôs à prova esta grande rede de competências e solidariedade e mostrou os limites estruturais dos sistemas de assistência social existentes. Por isso, é necessário que a gratidão seja acompanhada, em cada país, pela busca ativa de estratégias e recursos a fim de serem garantidos a todo o ser humano o acesso aos cuidados médicos e o direito fundamental à saúde.

«*Trata bem dele!*» (*Lc 10, 35*): é a recomendação do samaritano ao estalajadeiro. Mas Jesus repete-a igualmente a cada um de nós na exortação conclusiva: «Vai e faz tu

também o mesmo». Como evidenciei na encíclica *Fratelli tutti*, «a parábola mostra-nos as iniciativas com que se pode refazer uma comunidade a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros, não deixam constituir-se uma sociedade de exclusão, mas fazem-se próximos, levantam e reabilitam o caído, para que o bem seja comum» (nº 67). Efetivamente «fomos criados para a plenitude que só se alcança no amor. Viver indiferentes à dor não é uma opção possível» (nº 68).

E, no dia 11 de fevereiro de 2023, também o Santuário de Lurdes aparece ao nosso olhar como uma profecia, uma lição confiada à Igreja no coração da modernidade. Não tem valor só o que funciona, nem conta só quem produz. As pessoas doentes estão no âmago do povo de Deus, que avança juntamente com eles como profecia duma humanidade onde cada qual é precioso e ninguém deve ser descartado.

À intercessão de Maria, Saúde dos enfermos, confio cada um de vós que estais doentes; vós que cuidais deles em família, com o trabalho, a investigação e o voluntariado; e vós que vos esforçais por tecer laços pessoais, eclesiais e civis de fraternidade. A todos envio de coração a Bênção Apostólica.

Roma – São João de Latrão,
10 de janeiro de 2023.

FRANCISCO

uma revolução no cinema desejou abanar os mais profundos alicerces da sociedade em que vivia.

A morte de GODARD e o longo século XX

JEAN-LUC GODARD também fez tremer a terra em Portugal. Quando foi exibido o seu filme *Je Vous Salue Marie*, a 29 de Junho de 1985, o então presidente da Câmara Municipal de Lisboa do CDS, Nuno Cruz Abecassis, ameaçou «escaqueirar tudo». Dirigiu uma operação violenta de boicote na Cinemateca, com alguns dos participantes a passarem pela esquadra da PSP. Um jovem tentou entrar na sala aos pontapés, berrando, «não estamos na Rússia» e acabou na esquadra da Praça da Alegria.

Na altura, o autarca de um partido hoje sem representação parlamentar, afirmou irado: «Meia dúzia de intelectualóides que não valem dois tostões não podem assim ofender todo um povo». Quando lhe perguntaram se tinha visto o filme, respondeu agastado: «Não vi nem faço tensão de ver, mas tenho lido coisas e tenho inteligência».

Morreu o cineasta de quem o realizador Manoel de Oliveira disse: «O teu cinema é uma magnífica saturação de signos que se banham à luz da sua falta de explicação».

Jean-Luc Godard faleceu na passada terça-feira com a idade de 91 anos. O cineasta franco-suíço, porta-estandarte da *Nouvelle Vague*, dirigiu filmes tão emblemáticos como *A Bout de Souffle*, *Pierrot le Fou* e *Alphaville*.

O realizador nasceu na Suíça a 3 de Dezembro de 1930, mas foi depois de se mudar para Paris na adolescência que nasceu o seu amor pela sétima arte. Aí visitou frequentemente a *Cinémathèque Française* enquanto estudava etnologia na Sorbonne.

Mais tarde, em 1950, começou a trabalhar como crítico de cinema para várias revistas, incluindo *Cahiers du Cinéma*. Uma publicação em que coincidiu com figuras como François Truffaut, Éric Rohmer, Claude Chabrol e

Jacques Rivette; e que foi a semente do que acabaria por se tornar um dos movimentos mais importantes da história do cinema, a Nouvelle Vague.

A sua primeira experiência cinematográfica foi o filme *Opération Béton*, 1954, que usou o seu salário de operário de uma barragem para fazer esta curta metragem. Seguiu-se o primeiro filme a sério, *A Bout de Souffle*, uma espécie de manifesto inaugural da *Nouvelle Vague* do cinema francês, lançado em 1959. A longa, protagonizada por Jean-Paul Belmondo e Jean Seberg, ganhou o Urso de Prata no Festival de Cinema de Berlim.

Os primeiros dias de rodagem foram castróficos: Godard, que tinha feito apenas quatro curtas-metragens em condições quase amadoras, só filmava quando a inspiração chegava. Por vezes, isto significava apenas duas horas de trabalho num dia. Ele só dá aos seus actores as suas linhas de diálogo quando está no local, o que sugere que os escreva na véspera da manhã. Belmondo não parece importar-se muito, tendo já feito a sua primeira curta-metragem com Godard, a personagem parece diverti-lo, com o seu olhar de cocker spaniel abatido e óculos escuros. Quando todos parecem ansiosos com o aparente amadorismo do jovem cineasta, o actor diz a si próprio que, na pior das hipóteses, este naufrágio nunca chegará aos cinemas e não prejudicará de alguma forma a sua carreira.

A actriz, por outro lado, está totalmente inquieta. Jean Seberg vem de Hollywood. Aos 18 anos, tinha brilhado em dois filmes de Preminger: *Joan of Arc* e a adaptação de Sagan *Bonjour Tristesse*. Não sabe como lidar com este jovem louco que a abandona no meio dos Campos Elísios, sem um cordão de segurança, sem maquilhagem, sem luz, com um operador de câmara de reportagem (Raoul

Coutard), apontando-lhe uma pequena câmara silenciosa para os calcanhares. Ela já está zangada consigo própria por ter aceitado os 12 000 dólares adiantados (um sexto do orçamento projectado do filme) nesta tentativa de desestabilizar a sua própria actuação. É tão contrário às fórmulas de Hollywood que me estou a tornar totalmente natural", escreve ao seu marido, um advogado francês.

A revolução no cinema

O filme rompeu o molde existente ao propor uma nova forma de filmar, caracterizada por câmaras à mão, iluminação natural, som directo, diálogo improvisado, utilização de sequências de filmagens e cortes bruscos e assumidos na montagem, que romperam com a montagem tradicional que estava obcecada por uma falsa ideia de continuidade temporal. O objectivo deste grupo de cineastas, cujas produções eram feitas com baixos orçamentos, era que os seus filmes deveriam estar o mais próximo possível da verdade e da realidade, o cinema era suposto não mentir e embelezar as coisas.

Durante os anos cinquenta e sessenta, o cinema mudou para sempre, em todo o mundo. Novas vozes surgiram, procurando outras formas de reflectir sobre a realidade que lhes tinha sucedido, e o seu entusiasmo espalhou-se pelas fronteiras e tradições.

No Reino Unido foi chamado de *Free Cinema* e abraçou histórias do quotidiano e da loucura de Tony Richardson a Karel Reisz. Nos Estados Unidos, floresceu um cinema subterrâneo, de Warhol a Jonas Mekas. No Brasil chamar-se-ia Cinema Novo e permitiria a Glauber Rocha e Ruy Guerra contar as suas histórias com uma intenção de transformação social. No Japão, os novos ventos trouxeram o cinema de Nagisa Oshima, na Checoslováquia os de Milos Forman e Jan Nemeč, e em Espanha os de Basilio Martín Patino e Miguel Picazo, entre outros. Portugal também teve a sua vaga com o Novo Cinema, em que pontificavam nomes, entre muitos, como Paulo Rocha, António Macedo, António Cunha Telles, José Fonseca e Costa e António-Pedro de Vasconcelos.

Em França, a *Nouvelle Vague* manifestou-

se com François Truffaut, Jean-Luc Godard, Jacques Rivette, Éric Rohmer e Claude Chabrol na linha da frente, enquanto enormes cineastas como Agnès Varda procuram hoje o reconhecimento que merecem há décadas. De todos eles, Godard foi sempre o menos domesticado, o criador mais liberto, o mais prolífico, o maior patife.

Numas declarações ao *Liberation*, devolve a acusação de vários actores sobre o seu comportamento desagradável a roçar a maldade: «Querem actuar num dos meus filmes. Pelo meu nome, não pelo meu cinema. Depois disso, podem dizer qualquer coisa». Então, o que significa para ser um godardiano? Suspira: "Bem... Ser um godardiano é defender uma moral e uma arte. Sinto-me como o arauto de uma causa, que está a evoluir, do cinema».

Em 1960 chegou o seu segundo filme, *Le Petit Soldat*, que foi proibido em França durante três anos por causa das suas críticas à Guerra da Argélia. A actriz Anna Karina interpretou a personagem título. Godard casou com ela um ano mais tarde e, a partir daí, ela liderou vários dos seus projectos. O cineasta continuou a colaborar com os seus colegas da *Nouvelle Vague*, que incluíam outros nomes como Agnès Varda e Alain Resnais.

Durante este período realizou algumas das suas longas-metragens mais aclamadas, tais como *Le Petit Soldat*, proibido em França; *Vivre sa Vie* Prémio Especial do Júri e da Crítica no Festival de Veneza em (1962); *Pierrot le Fou* (1964); *Alphaville* (Urso de Ouro no Festival de Berlim em 1965) e *La Chinoise* (Prémio Especial do Júri no Festival de Veneza em 1967).

No final da década de 1960, Godard escolheu colocar a sua obra ao serviço dos protestos estudantis e mais tarde sindicais que tiveram lugar em França, tendo Paris como epicentro, durante o mês de 1968. Participou no colectivo Dziga Vertov. Recusaram o capitalismo, a sociedade de consumo, a sociedade de consumo e o autoritarismo. Tal foi a sua influência que nesse mesmo ano o Festival de Cannes foi suspenso após interrupções nas exhibições por Godard, Polanski, Truffaut e outros artistas, em solidariedade

com o movimento estudantil e operário.

A Wikipédia faz um competente trabalho de classificação do longo prazo da sua obra: os anos Anna Karina (1959-1967), os anos Mao (1967-1973), os anos vídeo (1973-1979), o regresso ao cinema (1980-1988), a «História(s) do cinema» (1988-2000), sendo o resto, aparentemente, devido à falta de visão *a posteriori*, mais difícil de nomear, mesmo que ainda haja cinco longas e curtas a serem inseridas num vasto currículo cinematográfico que o site IMDB avalia em 130 títulos diferentes, todos os formatos e suportes considerados em conjunto.

Em várias entrevistas, dadas ao longo da sua vida em jornais como o *Liberation*, o realizador foi conversando sobre o papel do cinema e do seu trabalho nas lutas e histórias desse longo século XX.

«O cinema custa dinheiro, concordamos. Sempre foi magnificado e apodrecido pelo dinheiro, o que faz dele a grande testemunha do século XX.»

«A minha história cruza estas histórias, os seus silêncios, as suas paixões. É uma espécie de álbum de memórias, meu, mas também de muitas pessoas, de várias gerações que acreditaram no amanhecer. No século XX, o cinema foi a arte que permitiu às almas, como costumavam dizer nos romances russos, viver intimamente a sua história na História. Nunca mais veremos uma tal fusão, um tal jogo, um tal desejo de ficção e história juntos. Estou comovido com o processo no sentido que lhe dava Marx.»

«É o que se vê, antes de o dizer, quando se comparam duas imagens: uma jovem mulher a sorrir num filme soviético não é exactamente o mesmo que uma a sorrir num filme nazi. E o vagabundo dos *Tempos Modernos*, de Chaplin é exactamente o mesmo, inicialmente, que o trabalhador da Ford quando foi filmado por Taylor. Fazer história significa passar horas a olhar para estas imagens e depois, de repente, reuni-las, causando uma faísca. Construir constelações, estrelas que se aproximam ou se afastam mais, como Walter Benjamin queria. O cinema, experimentado

desta forma, funciona então como uma metáfora para o mundo. Continua a ser um arquétipo, envolvendo estética, técnica e moralidade em conjunto.»

O filme socialismo e o naufrágio

Qualquer pessoa que tenha visto *Film Socialisme* pode ter suspeitado que o paquete Costa Concordia estava a caminho de problemas. O cruzeiro foi o cenário do primeiro «movimento» do ambicioso e enfurecedor quadro de Jean-Luc Godard de 2010, servindo como metáfora auto-consciente sobre as consequências do capitalismo em águas agitadas. O navio Concordia desempenha o papel de um limbo decadente, onde os turistas andam à deriva sem se aperceberem. Os passageiros incluem um funcionário da ONU e um criminoso de guerra idoso, o filósofo comunista Alain Badiou. O entretenimento a bordo é fornecido por Patti Smith.

O *Film Socialisme* acaba com uma mensagem final de «No Comment», como se o realizador se recusasse a tirar quaisquer conclusões, quanto mais a oferecer possíveis soluções.

Já o Costa Concordia naufragou a 13 de Janeiro de 2012, quando o seu comandante deu ordem do navio aproximar-se da ilha para impressionar uma rapariga que estava na ponte de comando.

Neste caso, a sedução amorosa tem resultados muito próximos da ideia de Lacan que Godard retoma numa entrevista: «Amor é querer dar algo que não se tem a alguém que não o quer...».

Para o realizador, naufrágios à parte, as verdadeiras relações baseiam-se muito numa coisa que o cinema dá de uma forma magistral.

«Um casal não pode durar se não partilhar uma visão do cinema. Um pode amar o rap e odiar Beethoven, e o outro o oposto. Mas se um ama o cinema de Spielberg e o outro o odeia, um dia eles irão separar-se, porque o cinema continua a ser a representação do mundo».

<https://www.abrilabril.pt/cultura/morte-de-godard-e-o-longo-seculo-xx>

In memoriam

Pe. Arlindo



**A MORTE NÃO É NADA.
APENAS PASSEI AO OUTRO MUNDO.
EU SOU EU. TU ÉS TU.
O QUE FOMOS UM PARA O OUTRO AINDA O SOMOS.
DÁ-ME O NOME QUE SEMPRE ME DESTE.
FALA-ME COMO SEMPRE ME FALASTE.
NÃO MUDES O TOM A UM TRISTE OU SOLENE.
CONTINUA RINDO COM AQUILO QUE NOS FAZIA RIR JUNTOS.
REZA, SORRI, PENSA EM MIM, REZA COMIGO.
QUE O MEU NOME SE PRONUNCIE EM CASA
COMO SEMPRE SE PRONUNCIOU.
SEM NENHUMA ÊNFASE, SEM ROSTO DE SOMBRA.
A VIDA CONTINUA SIGNIFICANDO O QUE SIGNIFICOU:
CONTINUA SENDO O QUE ERA.
O CORDÃO DE UNIÃO NÃO SE QUEBROU.
PORQUE EU ESTARIA FORA DE TEUS PENSAMENTOS,
APENAS PORQUE ESTOU FORA DE TUA VISTA?
NÃO ESTOU LONGE,
SOMENTE ESTOU DO OUTRO LADO DO CAMINHO.
JÁ VERÁS, TUDO ESTÁ BEM.
REDESCOBRIRÁS O MEU CORAÇÃO,
E NELE REDESCOBRIRÁS A TERNURA MAIS PURA.
SECA TUAS LÁGRIMAS E SE ME AMAS,
NÃO CHORES MAIS.**

Santo Agostinho